



Evento: XXVII Jornada de Extensão

INCLUSÃO ESCOLAR E SUBJETIVIDADE: PENSANDO O SUJEITO PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO¹

Fernanda Gollub Pastório², Sonia da Costa Fengler³, Ana Júlia Veiga⁴, Laura Eliza Morais Jappe⁵, Elis Ana Vargas Martins Leandro⁶, Manoela Rocha da Maia⁷, Richard Noronha Schuquel⁸, Vitória Gabriela Soares Grinke⁹

¹ Projeto de extensão desenvolvido e financiado pela Unijuí;

² Estudante do curso Psicologia, bolsista do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

³ Professor orientador do projeto Inclusão Escolar e Saúde Mental na Docência, Ma. em Educação nas Ciências pela Unijuí.

⁴ Estudante do curso Psicologia, bolsista do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

⁵ Estudante do curso Letras, bolsista do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

⁶ Estudante do curso Letras, voluntária do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

⁷ Estudante do curso Letras, voluntária do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

⁸ Estudante do curso Letras, voluntário do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

⁹ Estudante do curso Pedagogia, voluntária do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EXTENSÃO – PIBEX/UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

O capítulo IV do Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015) traz importantes avanços na garantia do direito à educação para a pessoa com deficiência (Brasil, 2015). Com o crescente ingresso de alunos com deficiência no ensino regular, torna-se necessário repensar as práticas pedagógicas que atendam a necessidade desse estudante. Ao receber um aluno com algum diagnóstico que, por vezes, passa a ser tomado como explicação para suas formas de desenvolvimento e aprendizagem, corre-se o risco desse estudante ser visto sempre a partir desse lugar de “aluno com diagnóstico”, em vez de “aluno-sujeito”.

Na teoria de D. W. Winnicott, a escola pode constituir um ambiente de desenvolvimento emocional, ampliando as experiências da criança para além do ambiente familiar e favorecendo sua inserção em grupos sociais mais amplos (Ribeiro, 2018). Nesse sentido, pode assumir papel significativo na experiência de inclusão desse sujeito na sociedade. Portanto, o olhar dirigido a esse estudante é relevante, uma vez que as



expectativas, os vínculos e as condições oferecidas pelo ambiente podem favorecer ou limitar suas possibilidades de participação e desenvolvimento.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo discutir, a partir de uma perspectiva winnicottiana, como o ambiente escolar e as relações estabelecidas atravessam a experiência de inclusão, buscando compreender o sujeito para além de seu diagnóstico. A discussão proposta também está articulada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 da Organização das Nações Unidas (ONU), que prevê: “Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos” (ONU, 2015).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório-descritivo, que visa discutir a importância de compreender a criança com deficiência para além de seu diagnóstico, pois embora componha a experiência do sujeito, constitui apenas um dos diversos atravessamentos que participam de sua subjetividade. Esta pesquisa decorre do Programa Institucional de Extensão PIBEX por meio das ações do projeto “Inclusão Escolar e Saúde Mental na Docência”, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIÚÍ). Participaram do estudo sete alunos com diagnóstico de deficiência intelectual e/ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), os professores e a profissional de apoio escolar da Escola Estadual de Ensino Fundamental Alice Couto em Ijuí/RS.

Durante o período da pesquisa foram realizadas sete visitas à escola para observação desses estudantes em diferentes contextos do ambiente escolar. As observações se deram na sala de aula, no intervalo, no momento do lanche e no período de troca de livro na biblioteca. A partir desses momentos, foi possível observar as diferentes formas de participação e interação dos estudantes em contextos escolares distintos. A partir de diálogos estabelecidos durante as visitas, realizou-se a escuta das professoras e da profissional de apoio escolar sobre os estudantes, bem como as oportunidades e desafios que encontram diante da inclusão escolar. As observações foram registradas em um documento compartilhado entre os integrantes do projeto e posteriormente analisadas a partir das políticas educacionais referentes à inclusão escolar e dos pressupostos da teoria psicanalítica winnicottiana.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante duas semanas os estudantes do Projeto de Extensão “Inclusão Escolar e Saúde Mental na Docência” realizaram visitas à escola que seria o objeto de observação. A partir disso, um dos principais pontos de discussão do grupo foi as diferentes perspectivas observadas sobre o mesmo aluno. Essas diferenças são resultado de observações em diferentes dias da semana - inclusive com condições climáticas diferentes, variedades de propostas pedagógicas na mesma turma ou ainda, diferentes ambientes dentro da mesma instituição. Esses diversos olhares acerca do mesmo estudante foram importantes para compreender em profundidade a necessidade de pensar o sujeito para além do diagnóstico, uma vez que cada um apresenta formas singulares de estar e participar do ambiente escolar a depender do contexto e das relações estabelecidas naquele momento.

Durante as observações, percebeu-se que os estudantes apresentavam maior disponibilidade para interação durante alguns dias da visita em detrimento de outros. Nessa perspectiva, na primeira visita a um dos estudantes, o clima estava chuvoso, o que resultou em agitação no comportamento, compreendido a partir da informação dada pela instituição escolar de que ele possui medo de temporal. Na segunda visita, quando as condições meteorológicas eram estáveis, o mesmo aparentava estar tranquilo, inclusive interagindo em alguma medida com os pares e o profissional de apoio. Essa diferença sugere que o contexto modifica aquilo que se consegue observar do sujeito.

Sendo assim, as manifestações do estudante não podem ser dissociadas do ambiente em que se encontra, nisso a importância do cuidado em não determinar integralmente o aluno incluído a partir de observações isoladas. Pensar a inclusão para além do diagnóstico implica então, em considerar que diferentes configurações ambientais podem favorecer ou dificultar a participação e a expressão do sujeito.

Isso também não significa que o professor precisa interpretar corretamente o que aquele aluno comunica com sua resistência ou transferência em sala de aula. Pelo contrário, o que mais importa na perspectiva winnicottiana é que a instituição escolar consiga oferecer um ambiente suficientemente bom, que inclusive introduza falhas e frustrações, oferecendo



condições favoráveis para que o sujeito possa lidar com elas e continuar seu processo de amadurecimento. Nessa mesma perspectiva, Ribeiro (2018) pontua:

Entretanto, não se pensa, quando a referência é Winnicott, em ‘perfeição de máquinas’; as professoras, assim como as mães, vão sendo guiadas pelas crianças, aprendem com os próprios erros, desde que consigam suportá-los e sejam realmente inclinadas para essa profissão, mediante condições de trabalho satisfatórias. (p. 169).

Outra razão pela qual é muito importante pensar nas implicações do ambiente na vida dos sujeitos se dá por compreender que a instituição escolar pode assumir diferentes significados para cada estudante, construídos de maneira singular a partir de suas experiências e relações. Segundo a perspectiva winnicottiana, a entrada na escola pode representar, para algumas crianças, a possibilidade de encontrar nos professores uma sustentação que não esteve suficientemente presente no ambiente familiar. Essa compreensão não implica responsabilizar e culpabilizar a família, mas considerar as experiências que podem estar relacionadas às dificuldades apresentadas pela criança. Além disso, cada estudante pode estabelecer uma relação singular com a experiência escolar, apresentando diferentes níveis de disponibilidade e interesse diante do ensino (Ribeiro, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações realizadas, foi possível compreender que a experiência da inclusão escolar é ampla e diversificada, uma vez que implica deparar-se com a subjetividade de inúmeras pessoas envolvidas nesse processo. Além disso, as relações interpessoais e o ambiente circundante também atravessam a forma como o estudante participa e se expressa. O trabalho em torno da inclusão, nas palavras de Pisetta e Pereira (2024, p. 2), é: “um trabalho político, cultural e atualizado em práticas diárias.”.

O diagnóstico permanece como uma informação relevante, mas não é suficiente para prever como o sujeito irá se relacionar, participar e responder às diferentes situações escolares. Sendo assim, quando os profissionais se ocupam em olhar para o estudante como um sujeito para além das determinações atribuídas ao diagnóstico, podem favorecer condições para que ele se posicione e participe de maneira mais singular no ambiente escolar,



já que “ao revelarem suas demandas educacionais também revelam criativas possibilidades.” (Pisetta e Pereira, 2024, p. 6). A partir disso, a prática docente pode preocupar-se menos em descobrir a metodologia ideal para cada transtorno ou deficiência e mais em encontrar, em uma relação conjunta ao estudante, aquela que faz mais sentido naquele momento, proporcionando, assim, um ambiente suficientemente bom.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Psicanálise. Transtorno do Espectro Autista. Deficiência Intelectual. Winnicott.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), pelo apoio à realização desta pesquisa. Agradecem também à Escola Estadual de Ensino Fundamental Alice Couto, pela acolhida e colaboração durante as visitas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República [2015]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 28 jul. 2026.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivo 4: Educação de qualidade.** Brasília, DF: ONU Brasil, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 28 jul. 2026. Acesso em: 23 jul. 2026.

PISETTA, Maria Angélica A. M.; PEREIRA, Angelina Gabrielle M. O. Autismo e subjetividade na construção de práticas pedagógicas inclusivas. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 31, p. e15268, 2024. DOI: 10.5335/rep.v31i0.15268. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rep/article/view/15268>. Acesso em: 28 jul. 2026.

RIBEIRO, Maria José. O início das vivências escolares: contribuições da obra do psicanalista D. W. Winnicott. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. l.], v. 2, n. 11, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/aprender/article/view/3122>. Acesso em: 28 jul. 2026.